

TESTEMUNHOS DESDE A FERIDA: A ESCRITA FRAGMENTÁRIA E A CRIAÇÃO DE UMA PALAVRA ABERTA

Karina Acosta Camargo¹

RESUMO

Este ensaio deriva da tese de doutorado Testemunhos desde a ferida: travessias para além da violência, realizada no Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP, e atravessa as questões do testemunho, por meio das fissuras na carne da própria pesquisadora, decorrentes de abusos sexuais vividos durante a infância. O testemunho, assumido enquanto uma pista do método cartográfico, consiste em um modo de dizer e uma arte de contar desde um lugar insólito: a ferida. É da perspectiva da ferida que uma pesquisa é tecida. A partir dela, esta pesquisa busca ir além da dicotomia vítima e agressor. Sem atribuir a violência exclusivamente a um sujeito, trata-se de pensar as práticas abusivas além e aquém dos sujeitos, agenciadas no e pelo campo social. Assim, a escrita fragmentária, parcial e aberta, se torna uma ética e opera enquanto um dispositivo para a criação de uma língua menor, capaz de produzir outros modos sensíveis para além da violência.

PALAVRAS-CHAVE: *testemunho, cartografia, ferida, fragmentário, violência.*

¹ Psicóloga. Doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestrado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Atua como pesquisadora nos seguintes temas: subjetividade, testemunho, violência, corpo e resistência; especialmente, por meio de Foucault, Nietzsche, Deleuze e Guattari. É autora do livro Fios de ouro no abismo: uma cartografia do abuso sexual infantil, lançado pela Benjamin Editorial. E-mail: karina.jyoti@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4752-1623>.

**TESTIMONIES FROM THE WOUND:
FRAGMENTARY WRITING AND THE CREATION OF AN OPEN WORD**

ABSTRACT

*This essay derives from the doctoral thesis *Testimonies from the wound: journeys beyond violence* carried out at the Subjectivity Studies Center – PUC-SP, and explores the issues of testimony, through the fissures in the researcher's own flesh, resulting from sexual abuse experienced during childhood. Testimony, assumed as a clue to the cartographic method, consists of a way of saying and an art of telling from an unusual place: the wound. It is from the perspective of the wound that research is carried out. Based on this, this research seeks to go beyond the victim and aggressor dichotomy. Without attributing violence exclusively to a subject, it is a question of thinking about abusive practices beyond and below the subjects, carried out in and by the social field. Thus, fragmentary writing, partial and open, becomes an ethics and operates as a device for the creation of a minor language, capable of producing other sensitive modes beyond violence.*

KEYWORDS: *testimony, cartography, wound, fragmentary, violence.*

INTRODUÇÃO

Este ensaio tem uma tônica singular, as suas palavras apontam algumas pistas de um caminho metodológico, um modo de fazer pesquisa aliado a um modo de vida. Ele deriva da tese de doutorado recém-publicada em livro, *Testemunhos desde a ferida*, realizada no Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP, sob a orientação do Prof. Dr. Peter Pál Pelbart e atravessa as questões do testemunho e da violência sexual. A violência sexual é pensada aqui para além da dicotomia vítima e agressor, agenciadas no e pelo campo social. Em outras palavras, trata-se de pensar as práticas abusivas para além e aquém dos sujeitos. E o testemunho enquanto um modo de dizer o indizível desde a ferida, onde nada é possível, e ainda assim, ou precisamente assim, um corpo resiste e pode criar. É possível dar palavras às vivências que beiram o insuportável? Como pensar as violências para além das lentes da violência?

Esta cartografia, pensada em afinidade com a filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, busca acompanhar processos desde o *entre* do acontecimento, em outras palavras, não busca ir de um ponto a outro, como por exemplo, a vítima e o agressor, mas arrasta ambos numa direção perpendicular, um *e* outro num movimento transversal desde um campo intensivo. Uma viagem por vezes turbulenta que oferta distâncias inimagináveis. Cartografia tecida na espreita pelos movimentos mais delicados e abissais, de amizade com uma pesquisa, de criação e cultivo de um lugar onde possa afirmar um pensamento nascente, para que possa criar *um testemunho desde a ferida*.

Uma pesquisa e uma escrita foram compostas por contínuos processos de interrupções e enfrentamentos. Uma pandemia sem-fim-e-sem-horizontes se entrelaça com uma terrível espera-por-coisa-nenhuma em torno de uma autorização que nunca chega. Segui em direção à derrocada e o arruinamento de uma tese me convidou a rearranjar os passos. Abandonei o desejo de clareza e trabalhei à meia luz, assumindo o valor do desconhecido, da obscuridade e da incerteza, como um modo tateante de se aproximar de algo: o grau trêmulo e vacilante do pensamento.

Desejo convidar a leitora a habitar um tempo outro, um tempo para além da violação, ainda que quando eu use esses termos, frequentemente titubeie nos seus usos. Há um tempo da violação, então? Ele não deixa de se fazer e reiterar na pele da terra, na

superfície do vivo, para isso, uma urgência de inventar outras ecologias, outros modos sensíveis de inventar as existências.

UMA POÉTICA DA INTIMIDADE

Durante o mestrado, construo os modos de percorrer o silenciamento em torno do abuso sexual infantil, por meio das fissuras na carne, decorrentes dessa violência vivida na infância. Essa pesquisa se deu como a experimentação do corpo e da escrita em realizar uma travessia insuportável – passagens e deslocamentos outrora inimagináveis. Ao invés de falar sobre a ferida, falo a partir dela, é da perspectiva da ferida que uma pesquisa é tecida. Nesse percurso, me deparo com o testemunho enquanto a criação de uma língua estrangeira que se dá desde um rasgo, onde colapsa a linguagem e o corpo cria modos singulares de apresentar a si mesmo.

Desde o mestrado, passo a entender que esta *arte de contar* do testemunho aponta um *modo de dizer*, em que – desatados os nós na garganta – o som mais parece um sussurro, um silêncio, que libera visões e audições, invisíveis e inaudíveis, das “cadeias da existência cotidiana” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 15). Assim, o testemunho se depara com aquilo que é impossível dizer, não como um estado de mutismo e, sim, como um ato poético em que a palavra, fraturada, rompe a linearidade da história e inaugura um novo tempo (VILELA, 2010). O testemunho se torna um modo singular de tecer uma pesquisa entrelaçada com uma prática de vida. Aqui, se entrelaçam pensamento, escrita, pesquisa e vida.

Assim, como um deslocamento de minha pesquisa de mestrado, algo se torna imprescindível nesta pesquisa de doutorado: produzir uma escuta sensível e uma escrita testemunhal. Isso desde o encontro com os homens autores de violência sexual, entendendo que estes também são silenciados em sua existência singular e investidos por saberes e poderes psiquiátricos e jurídicos, cujas práticas se constituem como controle sobre o corpo e sobre a vida.

Ao longo desse percurso, esta escrita testemunhal é experimentada como uma poética da intimidade, afirmando a tônica do íntimo como configurado e tecido no plano da política e não sob o domínio do privado e do particular. Nesse sentido, esta cartografia se constitui num modo de habitar as interioridades e virá-las do avesso, deslocando a

violência sexual de sua clausura. Afirmar a intimidade é um modo de dizer a relação em exercício, em ato, afirmar que se trata sempre de relação o caráter íntimo, o *entre* da relação que diz a sua exterioridade numa distância infinita. Persistir em sua questão incessante consiste num modo de conjurar a favor de uma intimidade-cósmica que se efetua pela singularidade de uma vida; desmontando o caráter cerrado, obstruído e fechado da violência.

O DESASTRE DE UMA TESE

Ao ir em direção aos encontros com homens autores de violência sexual, me deparo com nenhum paradeiro, esta violência permanece uma trama silenciosa. Percorro a rede de silenciamento que permeia esta violência e, como modo de habitar essa zona eclipsada, busco me encontrar com os homens cumprindo pena em regime fechado no sistema prisional do Estado de São Paulo. Sou lançada a revirar outra vez uma cidade natal: em Sorocaba, reside uma das unidades penitenciárias masculinas voltadas especificamente para crimes sexuais. Ali, recomeça uma pesquisa incessante, onde tudo começou e “a minha ferida existia antes de mim” (DELEUZE, 2015, p. 151).

Realizo uma visita nessa Unidade Penitenciária que, mais tarde, passa a existir na altura dos sonhos. Como dizer os rodopios, os estilhaços de pneu de um caminhão desvairado na rodovia? Naquela primeira visita, ainda não sabia que ficaria na espera pela autorização da pesquisa por tanto tempo. Durante quase um ano, eles verificavam se eu poderia entrar em segurança, enquanto atravessava um grande labirinto.

Quase um ano entre portas suspensas, temporariamente. Contatos telefônicos que funcionavam por plantões, mas a pessoa responsável não andava responsável. Algo se perdeu no caminho – desmontagens, suspensões, passagens labirínticas sem frestas. Portas que abrem portas, avizinando lugar algum, numa espera infinita. *Diante da lei*, espero para poder entrar (KAFKA, 2011). Recolho cacos para contar uma paisagem, o desarranjo do tempo espatifado no chão. Escuto um sussurro daquele primeiro e único encontro na Penitenciária: “as pessoas lançam esses homens para cá e acham que eles não existem mais, como se estivessem em Marte”.

Sigo com esse planeta escondido na boca e dou notícias do arruinamento de uma tese. Durante os trâmites que me vi envolvida ao longo de um ano, torno-me atada ao

jogo do Estado. Enquanto espero, legítimo a força tirânica desse aparelho, permaneço sob a sua tutela. Essa trajetória se tornou uma grande espera por coisa nenhuma, o corpo quase em ponto morto e a voz correndo o risco de sumir por completo. Solicito a entrada no jogo e nele eu só posso perder, a burocracia é patriarcal e soberana, violadora. *Como ousas aparecer? Deves desaparecer, indefiro a sua pesquisa.* Jamais entrei e, ainda assim, andei por rodovias, por correspondências, por cancelas e portas. Esses homens não existem, ou melhor, eles existem como palavra jurídica que detém sobre eles o governo de suas existências.

Para escapar à mortificação da palavra jurídica, que desautoriza a existência de uma pesquisa, decido lavrar as palavras e espreitar pelas frestas. Remonto este processo e, num deslize dos autos, sou lançada para fora de uma espera interminável e incalculável de tentar de novo e de novo encontrar uma alternativa, uma outra porta, quem sabe, que me desse uma entrada diante da lei. Imprimo páginas de documentos oficiais e formalidades escorregadias. Uma palavra escapa como a vida inventa os seus meios: “Senhor Diretor. [...] este Diretor não vê óbice para a pesquisa, desde que com a anuência do preso devidamente qualificado, porém corre-se o risco de termos somente a palavra do preso, sem o confronto com o prontuário.”² Leio nas frestas essa troca de e-mails jamais oficializada: o risco de termos somente a palavra do preso.

O *risco que há na palavra*, essa música cantarolada baixinho, quase um silêncio inaudível, me retira de um governo da qual me mantinha refém. Eles não sabem que sei o risco da palavra que pode ameaçar um regime instituído, como traço insubmisso e ingovernável. Este corpo não vai desaparecer. Não mais esperar uma autorização para os encontros com esses homens, mas espreitar os afetos e os pensamentos. O pensamento do desastre é o pensamento do fora, ele *des-creve*, ele é um fora-do-texto, como uma “afirmação da singularidade do extremo” (BLANCHOT, 2016, p. 15). O desastre “desorienta o absoluto, ele vai e vem, desvario nômade” (BLANCHOT, 2016, p. 13). Decido *delirar todos esses homens*. Por meio do risco da palavra de uma poética da intimidade, me desenlaço da autoria de uma pesquisa que se declara ingovernável e se torna uma prática clandestina da língua.

² Histórico de e-mails encaminhado com o documento oficial que um juiz emite indeferindo toda a pesquisa.

A DESMONTAGEM DO AGRESSOR: UMA PERSPECTIVA PARA ALÉM DA VIOLÊNCIA

A invenção do agressor enquanto invasor e inimigo pertence às regulações do Estado e efetua-se nos discursos jurídicos, nos diagnósticos psiquiátricos e criminológicos; enquanto a gramática colonial, o Estado e a sua violência, continua legítima e naturalizada. O Estado faz desaparecer o seu monopólio da violência e a requalifica enquanto *justiça*, por meio de discursos que negam a presença da violência no seu interior: “as desordens da violência vêm sempre de fora e, se devemos também ser violentos, é para reestabelecer a ordem de um espaço sem violência” (LAPOUJADE, 2015, p. 80).

A invenção do eixo vítima-agressor faz funcionar uma aderência irrespirável, definindo e delimitando a existência de um pelo antagonismo do outro - funcionamento próprio às *sínteses disjuntivas exclusivas* (DELEUZE; GUATTARI, 2011), em que limita e exclui um ao outro. Não seria próprio às forças conservadoras delimitar tais campos, mantendo-nos atados em inimizades políticas que impossibilitam a criação de um mundo outro? Em *O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista*, Foucault ressalta o fascismo em sua dimensão cotidiana, o fascismo em nós, “[...] que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora” (FOUCAULT, 1993, p. 199).

Estes corpos, os dos ditos agressores, só existem como corpos abstratos de linguagem, em *espaços de abandono* (VILELA, 2010), a partir de saberes e poderes que destrincham e investem sobre esses homens o rosto retalhado da violência, sobre eles cabe apenas a marca do abjeto. Interessa ir além dessa arquitetura privada, para além do enclausuramento que nos oferece um lugar como vítimas e como agressores; interessa produzir uma desmontagem desses eixos identitários, uma vez que a sua manutenção alimenta um funcionamento que reitera a violência, ao invés de criar condições outras para fazer travessia do insuportável vivido na carne.

Destituo a violência e destituo o agressor – a sua existência enquanto vivente é desconhecida e não vai ser capturada aqui. Recusar as vias da violência é poder dizer as distâncias já de uma outra modalidade do sensível. Assumo que qualquer aproximação pressupõe uma distância diante do encontro com o desconhecido, diante da radicalidade

da diferença, sem reduzi-la a qualquer espécie de unidade ou totalidade. Um agressor se dissipa e se descola da pele, sobrevoa distâncias e uma palavra aberta caminha.

Vou em direção à violência e percebo que é preciso desmontar o agressor e devolvê-lo ao mundo, devolvê-lo ao agenciamento que faz parte, onde concebo uma participação coletiva. Esta pesquisa se faz inacabada, aberta e descosturada, enquanto uma força cruel que “faz valer um *furor* contra a medida” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 13), que desata os liames que mantêm vítima e agressor numa mesma trama indigesta, subjetivados numa textura significativa por agenciamentos discursivos.

A ESCRITA FRAGMENTÁRIA E A CRIAÇÃO DE UMA PALAVRA ABERTA

As produções de violências próprias ao aparelho de Estado formulam a noção do inimigo desconhecido, formulam onde reside a ameaça. Estas práticas abusivas, enquanto funcionamento dominante, mantêm um amor ao cativo, nessa formulação de que o *perigo desagregador* reside fora dos domínios, no desconhecido selvagem, a ser capturado e explorado – reduzido à conhecido, e não na própria Lei interna que faz funcionar a violência. Para além destes domínios, algo não sofreu o abuso, algo incapturável se manteve imperceptível aos olhos do poder. E, desde esse lugar sensível, é possível escutar as violências e para além delas.

O desenlace dos termos consiste na afirmação de uma diferença radical, que desmonta a própria identidade da vítima e do agressor, possibilitando conexões outras entre vizinhanças desconhecidas. Testemunhar a favor de uma outra justiça, imanente e potente, consiste na criação de uma máquina de escrita capaz de fabular uma *palavra aberta*, que faz desatar os liames como uma afirmação vital e cruel. A escrita e a escuta fragmentária, que afirma as partes sem todo, se impõem como uma exigência, uma ética.

O fragmentário se configura neste exercer ativo que sustenta a sua abertura ao desconhecido – não como algo que falta, mas enquanto movimento descontínuo e vivo, incessante palavra poética, onde uma intensidade pode se afirmar e exprimir. Um arranjo que “[...] *deixa de fora* uns dos outros os termos que vêm em relação, respeitando e preservando essa exterioridade e essa distância como o princípio – sempre já destituído – de toda significação” (BLANCHOT, 2010, p. 43). Uma escrita fragmentária recolhe das forças de vida aquilo que lhe é necessário para agir, nisso também a sua ética, uma

orientação que sustenta uma abertura estrangeira em seu próprio exercício, para além de um querer conquistador e exploratório: “acolher o desconhecido sem retê-lo” (BLANCHOT, 2010, p. 43).

Nesse sentido, escapa à ótica da descoberta e da captura, para afirmar um saber em processo, que garante a manutenção das condições de abertura às passagens e deslocamentos. Tememos o desconhecido enquanto força desgovernada, quando, pouco assumimos a dimensão ingovernável e incapturável da vida e do saber em processo que não é um risco à existência, pelo contrário, é condição de possibilidade para criação de mundos. Aqui, penso uma escuta fragmentária como uma prática ética, política e clínica que afirma o saber na diferença absoluta, um amor à travessia até que os monstros deem a ver outras imagens do incapturável.

Assim, a *palavra aberta* é um conjuro contra as arquiteturas privadas que aprisionam o vivente, que impedem a pele da terra de fazer as suas próprias constelações, os seus próprios arranjos e conexões; os seus próprios conjuros contra os males. É um conjuro contra o Estado e a sua formulação do agressor e inimigo, a ser evitado, a ser atacado, a ser repellido, a ser mapeado, a ser classificado, a ser encaixotado, a ser enclausurado e a ser aprisionado. No agressor, reside o rosto retalhado da violência, emaranhando e embaralhando a possibilidade de discernir as máquinas de fazer raças, de fazer categorias, para produzir cercos, para produzir invasões, para produzir abusos. Discernir os Estados e as suas violências, para quem sabe, criar outros arranjos íntimos que confabulem e conjurem contra um Estado sempre em vias de encarnar a pele da terra.

Afirmar o íntimo consiste em liberar as suas potências da dimensão particular, privada, doméstica e pessoal em que está enclausurado, realizar um contrafeitiço dos feitiços coloniais. A sua dimensão clínica, ética e micropolítica conjuram contra os impedimentos e as capturas, o Estado e as suas violências infinitesimais, a favor de uma mutação afetiva. Nessa fenda ecológica, entre a textura da dor e do indizível, o íntimo pode se configurar como algo incapturável pelos discursos jurídicos, criminológicos, de todas as formas de agenciamentos discursivos. A escrita e a escuta fragmentária, parcial e aberta, se tornam uma ética, um modo de exercício onde a experiência da violência faz viver um pensamento desde a ferida. Verter a violência sexual é um direito inegociável, uma justiça imanente. Ir em sua direção, sem impedimentos, *tornar-me abusada*. Essa é uma ética, um tipo de exercício para enfrentar uma experiência da violência.

Aqui, a escrita fragmentária opera como um dispositivo para a criação de uma língua menor (DELEUZE; GUATTARI, 2014), capaz de produzir outros modos sensíveis para além da violência. A escrita fragmentária enquanto uma poética da intimidade é um recurso criado para uma prática do pensamento e da vida que escape à perspectiva da violência e aos seus encarceramentos perpétuos. Criação de uma língua menor enquanto produção de outros modos de vida que afirmam a radicalidade de uma palavra aberta que escapa ao tempo das violações.

É preciso desmontar este sistema dominante de governo em nós que responde à gramática colonial e criar condições de outros arranjos sensíveis, outros cosmosentidos para atravessar as violências. O projeto de mundo colonial não pode ser a sustentação de nossa revolução, assim, o agressor não me cabe como possibilidade de ler as violências. O agressor, esse rosto retalhado da violência que cola apenas em alguns e que pouco denuncia o encarceramento compulsório do suposto inimigo colonial, não funciona para mim. Liberei-os como liberei o meu pensamento e o meu corpo da violência que nos consome.

Sobre o artigo:

Recebido: 03 de agosto de 2024

Revisado: 05 de novembro de 2024

Aceito: 21 de março de 2025

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, M. **A conversa infinita**: a ausência de livro, o neutro o fragmentário. trad. João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010.

BLANCHOT, M. **A escritura do desastre**. Trad. Eclair Antônio Almeida Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2016.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**: Capitalismo e Esquizofrenia. Trad. Luiz B.L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

FOUCAULT, M. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. Trad. Fernando José Fagundes Ribeiro. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 1, 1993.

KAFKA, F. Diante da lei. In: **Franz Kafka essencial**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

LAPOUJADE, D. Fundar a violência: uma mitologia? In: NOVAES, Adauto (Org.). **Mutações**: fontes passionais da violência. São Paulo: Sesc, 2015.

VILELA, E. **Silêncios Tangíveis**: corpo, resistência e testemunho nos espaços de abandono. Portugal, Porto: Afrontamento, 2010.